

## **O Discurso Feminino no Rap: Garotas que não são de Ipanema<sup>1</sup>**

Paulo Roxo BARJA<sup>2</sup>

Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP), São José dos Campos, SP

Claudia Regina LEMES<sup>3</sup>

Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (SEESP), São José dos Campos, SP

### **RESUMO**

A música popular é um canal de manifestação popular, propício à expressão de pontos de vista a respeito de diferentes aspectos da sociedade. Neste contexto, na periferia dos centros urbanos brasileiros, predominam dois estilos musicais que carregam em si dois discursos fundamentalmente opostos no que tange às questões de gênero: o funk e o rap. Este trabalho propõe uma reflexão sobre o discurso de gênero nas letras do rap feminino de São José dos Campos. Após pesquisa de letras de música interpretadas por mulheres rappers, selecionou-se aquelas consideradas mais significativas para uma avaliação que se propõe comparativa: cada rap é analisado junto a uma canção tradicional brasileira. Observa-se que o rap feminino se contrapõe ao machismo ainda presente na sociedade e, por extensão, na música popular brasileira. As rappers desempenham assim um papel importante, e a presença deste rap em eventos da periferia permite a expressão feminista pela via da comunicação popular e alternativa, ganhando espaço nas ruas e também na internet.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação; feminismo; letra; música; rap.

### **INTRODUÇÃO: Contextualizando o problema**

Em seu clássico texto “A Identidade Cultural na Pós-Modernidade”, Stuart Hall (2014) cita uma série de grandes avanços sociais ocorridos no que chama de *modernidade tardia* (período que situa na segunda metade do século passado); trata-se, a bem dizer, de rupturas de discursos predominantes até então. Nesse texto, Hall destaca o feminismo como movimento social impactante, capaz de politizar a própria formação identitária, a partir do reconhecimento das questões de gênero como políticas. Desde que despontou o feminismo, décadas já se passaram; pode-se afirmar, no entanto, que ainda hoje o movimento é não apenas atuante como necessário, haja vista a disparidade de tratamento entre homens e mulheres em diferentes setores da sociedade, bem como a frequência com que se relatam atos de violência cometidos especificamente contra mulheres.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT Comunicação Popular e Alternativa do PENSACOM BRASIL 2016.

<sup>2</sup> Docente/Pesquisador do LabCom/UNIVAP, email: [barja@univap.br](mailto:barja@univap.br).

<sup>3</sup> Docente da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (SEESP), email: [claurlemes@gmail.com](mailto:claurlemes@gmail.com).

Realizam

**PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016**

---

A violência contra a mulher (e, de modo mais amplo, as relações de gênero) no contexto brasileiro tem sido objeto de estudo em trabalhos acadêmicos recentes como o de Barros (2015), que estuda as relações de gênero tal como estas se manifestam numa forma típica de cultura popular no Brasil, a literatura de cordel. Em seu trabalho, Barros analisa a produção textual recente neste campo, apresentando estatísticas que sustentam sua conclusão segundo a qual a assimetria nas relações de gênero acaba por se perpetuar através de discursos que configuram, nas palavras do autor, “bipolaridades tradicionais de gênero” (p.170).

A questão, evidentemente, não se coloca apenas no Brasil. Partindo de observações pessoais, mas também de uma aguda consciência de mundo, recentemente a nigeriana Chimamanda Adichie (2014) lançou uma exortação: sejamos *todos* feministas, para uma convivência mais harmoniosa e feliz. A autora refere-se ao fato de que muitas mulheres ainda se calam diante de diversas situações desfavoráveis, pois vivem num contexto em que “não podem dizer o que realmente pensam”. Neste contexto, torna-se essencial buscar canais de comunicação, bem como formas expressivas capazes de dar conta dessa necessidade de externar o pensamento feminino (e feminista). Uma vez proferido, o discurso pode levar ao empoderamento quando encontra ressonância na sociedade. Assim, é preciso efetivar o discurso, mas é necessário também ecoá-lo: é preciso atingir os ouvidos. Como?

Desde a primeira metade do século XX (com o surgimento e popularização do rádio), a música (e, especificamente, a canção) popular pode ser considerada uma poderosa forma expressiva, recurso comunicacional com presença marcante nas diversas formas de veiculação midiática. Por seu caráter expressivo e de fácil propagação, é um importante canal de manifestação popular, propício à enunciação de pontos de vista a respeito de diferentes aspectos da sociedade. Neste contexto, nas regiões periféricas de centros urbanos brasileiros no eixo Rio de Janeiro-São Paulo, há tempos manifesta-se a predominância de dois estilos musicais, que carregam em si dois discursos fundamentalmente opostos no que se refere às questões de gênero: o funk e o rap. Ironicamente, ambos apresentam origem comum.

O rap, abreviatura de “rhythm and poetry” (ritmo e poesia), veio da Jamaica na década de (19)60 para se estabelecer e difundir na periferia novaiorquina dos anos (19)70.

Realizam

**PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016**

---

Sempre esteve associado à resistência cultural, à denúncia e ao protesto, constituindo uma forma artística adotada por majorias oprimidas, como os negros moradores da periferia e imersos assim num contexto de violência urbana. Como pontua Wilma Silva:

Os rappers lutam contra a morte física, oriunda da violência. Violência esta que pode vir da polícia, do tráfico de drogas ou da criminalidade. (Os rappers) encontram-se nas periferias e nos subúrbios das cidades, principalmente nas favelas (SILVA, 2009, p.74/75).

Por outro lado, ainda segundo Silva (2009), o funk surge justamente a partir do rap, como forma musical alternativa criada por negros norteamericanos na década de (19)70. Mesclando o rap à música eletrônica, alcança grande sucesso no Brasil, notadamente nas favelas do Rio de Janeiro a partir dos anos (19)80. No entanto, ao longo do tempo o funk passa por uma crescente mercantilização que inclui a difusão na mídia televisiva e acaba por inverter seu sentido: se originalmente era contra a violência, o funk carioca passa progressivamente a difundir discursos de ostentação e até mesmo opressão contra a mulher, que passa a ser tratada como objeto nas letras (e bailes) funk.

Chega-se assim a uma situação em que o funk revela predomínio de uma postura machista em suas letras, enquanto o rap, mantido a salvo da distorção discursiva (talvez justamente por uma postura de maior independência em relação à indústria cultural), apresenta espaço para a presença de artistas mulheres entoando discursos de empoderamento feminino.

É nesse contexto que o presente trabalho propõe uma reflexão sobre o discurso de gênero nas letras de rap produzidas e apresentadas por intérpretes femininas na cidade de São José dos Campos. Trata-se de um discurso que pode ser compreendido como reação ao machismo da sociedade brasileira e, em particular, das letras de funk, embora apareça também em letras de canções tradicionais do cancionário popular brasileiro, como *Garota de Ipanema* e outras.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa partiu da coleta de letras de rap compostas e interpretadas por mulheres rappers de São José dos Campos. Após a coleta inicial, procedeu-se à seleção de letras consideradas significativas quanto à discussão de questões de gênero e empoderamento

Realizam

**PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016**

---

feminino, sendo realizada em seguida uma análise crítica dos textos selecionados. Propomos, a análise por Tal análise emprega um paBuscamos realizar a seguir uma análise “pareada”: cada rap selecionado é analisado como “o outro lado do discurso” em relação a uma canção popular brasileira de vertente tradicional, em que a cada rap selecionado pinçamos uma canção popular tradicional da seu oposto em seguida Em particular, a letra do rap *Nossas Garotas*, de Preta Ary, é analisada em contraposição à obra citada pela autora no próprio rap (trata-se da bossa nova *Garota de Ipanema*, que tem letra de Vinícius de Moraes para música de Antônio Carlos Jobim).

## **LETRAS SELECIONADAS**

Após a pesquisa inicial, optamos por ilustrar o discurso feminino a partir de duas letras de rap compostas e cantadas por componentes do grupo joseense D’Origem. As letras encontram-se transcritas a seguir.

### **PARE DE JUSTIFICAR (Meire D’Origem)**

A culpa não é minha, pare de justificar,  
Bêbado e agressivo, vem querer me culpar  
Que eu olhei diferente, que o rango não tava quente,  
Que já falou várias vezes e agora vai me educar.  
Me encheu de soco e porrada, ainda chamou de vadia  
Entre outras podridões e eu calada ouvia,  
Gemia, orando em silêncio,  
Para não te irritar e o fim voltar ao começo.  
Mais tarde acordada eu olho pro espelho,  
Com semblante carregado, não sei quem sou não me lembro  
Já não me enxergo mais, já não me aceito mais,  
Desejo a morte todo dia, pra ter um pouco de paz  
E não foram poucas vezes que eu pensei em tirar  
A vida que Deus me deu, e eu perdi por amar  
E me pergunto o porque, onde errei e o que fiz  
Quando eu olhei pra esse moço, eu pensei em ser feliz  
Não tive pai que me amasse, nem conheci meu avô  
Eu era muito inocente, e você me decifrou  
Me abraçou fortemente e minha mão segurou  
Mas com o tempo se esqueceu daquela jura de amor  
Se transformou em carrasco e aqui hoje estou.  
Tentando olhar pra frente e enxergar uma luz  
Que me clareie o caminho, e me ajude com essa cruz  
Mas só vejo escuridão, tô tentando me acalmar  
Mas o relógio não engana, já você vai voltar

Realizam

**PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016**

---

O coração acelera e eu volto a rezar  
Escrevo este bilhete pra você não me culpar  
Talvez agora acabe, meus olhos vão se fechar  
Lamento grandemente, mas pequei por amar [...]

**NOSSAS GAROTAS (Preta Ary)**

Nossas garotas, as mais lindas, mais cheias de graça,  
são mulheres e meninas em calçadas e praças  
Corpos, suas oficinas, sua rotina não é fragrante,  
seu caminho tem espinho e o sofrimento é incessante.  
A alma limpa de amor, suja de ódio e rancor,  
dignidade invisível escasso o autovalor  
Identidade afanada, busca do tudo e o ter nada,  
nada mais a ilumina, nem os sonhos de menina  
Moça do corpo queimado, do sol do canavial,  
o mais chocante é a consciência da sua sina trivial  
Sua vida não é poema e não tem mais balançado,  
o lado humano, pelo desumano foi arrancado  
Sem infância e muito trabalho, a esperança é seu atalho,  
para um futuro utópico, imaginário  
Longe da realidade, da sua verdade,  
imposta sem proposta e contra sua vontade  
Garotas e mulheres, mulheres e meninas,  
negra, branca, amarela, forte ou franzina  
Bom seria se vocês pudessem saber da felicidade sem por ela sofrer  
Ver o mundo sorrindo, se enchendo de graça,  
ficando mais lindo por causa do amor  
sem provar da dor  
Nossas garotas as mais lindas, assim diz o poema,  
as garotas que eu digo não são de Ipanema  
As garotas de Ipanema que o poema diz,  
não as garotas que eu digo longe de ser feliz  
E a realidade com a idade não combina,  
qualquer moeda compra o corpinho da menina  
Portuguesa, tailandesa, brasileira ou argentina,  
ignoram a origem da feira feminina  
Quer? Tem pra escolher, o estilo é só dizer,  
aproveita que a amanhã o fornecedor pode ser você!  
Ignorância voltada usada contra própria vida  
enganada acreditando em histórias descabidas  
Dinheiro, poder, o que quiser, fama,  
mas com muito trabalho nos lençóis de uma cama.  
Quem sabe um dia, se acabe a hipocrisia  
e na vida da menina volte a ter mais fantasia.  
É tudo que queria, no fundo não sabia  
que a busca de um sonho era amarga e doía  
O peso do que digo não é pra soar bonito,  
mas é pra fazer pensar na qualidade do conflito,  
É pra entender a profundidade do problema,  
e que essas muitas vidas **não são parte de um poema.**

Realizam

**PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016**

---

## DISCUSSÃO

*Um embate necessário* – A constituição do sujeito feminino nas letras de rap encontra respaldo na base conceitual de Stuart Hall (no que se refere à identidade cultural marcadamente feminista) e de Luiz Tatit (que propõe uma análise multidimensional da canção popular, avaliando artista e obra). No entanto, qualquer debate aqui deve levar em conta o histórico da música popular brasileira no que se refere a questões de gênero. Quando estas aparecem, muitas vezes o enfoque é declaradamente machista. Um exemplo é a canção *Ai Que Saudade da Amélia*:

AI QUE SAUDADE DA AMÉLIA  
(Araulfo Alves / Mário Lago)

Nunca vi fazer tanta exigência  
Nem fazer o que você me faz  
Você não sabe o que é consciência  
Nem vê que eu sou um pobre rapaz  
Você só pensa em luxo e riqueza  
Tudo que você vê, você quer  
Ai, meu Deus, que saudade da Amélia  
Aquilo sim é que era mulher

Às vezes passava fome ao meu lado  
E achava bonito não ter o que comer  
E quando me via contrariado  
Dizia: Meu filho, que se há de fazer

Amélia não tinha a menor vaidade  
Amélia é que era mulher de verdade

É certo que se deve considerar o contexto histórico: *Amélia* é de meados do século XX, e muito mudou desde então. Mesmo assim, entendemos que o rap feminino brasileiro, e em particular o trabalho de artistas engajadas socialmente como as rappers do grupo D´Origem, deve ser avaliado não em contraposição a rappers masculinos e sim no contexto mais amplo da música popular brasileira em geral. Trata-se de um discurso construído, na verdade, em contraposição a décadas inteiras de veiculação midiática de discursos masculinos. Discursos esses que chegam ao ponto de tentar apresentar justificativas para a violência contra a mulher e até mesmo para o feminicídio, como

Realizam

**PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016**

---

aquele narrado na canção caipira *Cabocla Tereza*, de Raul Torres e João Pacífico. Já no recitativo introdutório desta canção, o ouvinte fica sabendo que uma cabocla havia sido encontrada no chão de uma casinha e que, ao seu lado, “um cabra tinha na mão uma arma alumiando”. A canção, a seguir, é uma narrativa em primeira pessoa em que o narrador é - por incrível que pareça - o próprio assassino.

O rap *Pare de Justificar*, transcrito na seção anterior, apresenta, décadas depois da morte da *Cabocla Tereza*, um discurso contundente também em primeira pessoa - agora, no entanto, quem fala é a mulher, vítima da violência cometida pelo próprio parceiro (como tantas vezes relatam as páginas policiais dos jornais).

As duas canções, embora com enfoques opostos, concordam no que se refere às linhas gerais da história, tristemente comum: trata-se de um relacionamento que, após um início romântico e feliz, muda radicalmente com o tempo, com o homem transformando-se em agente agressor, até o desfecho trágico da história.

Passando ao segundo rap selecionado para o trabalho, a própria autora, na composição, dá a chave para o embate, marcando posição: “as garotas que eu digo **não são** de Ipanema”. Para permitir a análise comparativa, transcrevemos a seguir a letra de *Garota de Ipanema*:

**GAROTA DE IPANEMA**  
(Antônio Carlos Jobim/Vinícius de Moraes)

Olha que coisa mais linda  
Mais cheia de graça  
É ela, menina  
Que vem e que passa  
Num doce balanço  
Caminho do mar  
Moça do corpo dourado  
Do sol de Ipanema  
O seu balançado  
É mais que um poema  
É a coisa mais linda  
Que eu já vi passar

Ah, por que estou tão sozinho  
Ah, por que tudo é tão triste  
Ah, a beleza que existe  
A beleza que não é só minha  
Que também passa sozinha...

Realizam

**PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016**

---

Ah, se ela soubesse  
Que quando ela passa  
O mundo sorrindo  
Se enche de graça  
E fica mais lindo  
Por causa do amor

De fato, a justaposição das duas composições torna ainda mais impactante o rap de Preta Ary: as garotas lindas e cheias de graça, no rap, são “mulheres e meninas em calçadas e praças” – assim, como a audição/leitura atenta dos versos permite depreender, *Nossas Garotas* é na verdade um rap denúncia, que expressa a situação - dramática - de jovens em situação de prostituição. Em outro momento da letra, a moça do corpo dourado do sol de Ipanema (nos versos da dupla Jobim/Vinícius), é comparada à moça queimada pelo sol do canavial - onde o trabalho é duro, sem deixar espaço para diversão. Por fim, a noção romantizada de amor (idealizado, deixando o mundo lindo e sem dor) transmitida pela letra de Vinícius é contraposta à noção do amor profissional - um “amor” em que o homem deixa de ser parceiro para se tornar cliente. A rapper parece não querer deixar dúvida alguma sobre o peso do que diz: “... não é pra soar bonito, mas é pra fazer pensar na qualidade do conflito - é pra entender a profundidade do problema”.

***Da origem da força feminina*** – Fato notável no que se refere à discussão de questões de gênero no rap brasileiro é a presença de rappers mulheres na cena musical desde a segunda metade dos anos (19)80, como atesta o levantamento feito por Hebreu (2016). Nesse cenário, destaca-se pelo pioneirismo a cantora Sharylaine Sil, que em 2016 completou 30 anos de atividade artística (MANDRAKE, 2016). O trabalho de Sharylaine é descrito na cena hip hop como sendo voltado ao ativismo social e a questões de gênero, destacando-se a “valorização e fortalecimento da mulher e a inserção da mulher no rap e no hip hop feminino” (POLIFONIA PERIFÉRICA, 2016). No entanto, paradoxalmente, não são encontrados registros de suas letras na internet: quem se interessa em conhecer as composições precisa acessar o *YouTube* ou sítios que reproduzem vídeos da artista.

A presença feminina tem se mantido constante na cena rapper brasileira, como atestam os diversos sítios da internet que divulgam notícias relativas a apresentações das rappers mulheres; um destes intitula-se justamente “Mulheres no Hip-Hop”



Realizam

**PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016**

---

([www.mulheresnohiphop.com.br](http://www.mulheresnohiphop.com.br)), apresentando agenda e programação de fóruns regionais de mulheres no hip hop. Também merece destaque o surgimento, em 2010, da *Frente Nacional de Mulheres no Hip Hop*, destinada à promoção do trabalho das rappers, cujas composições em geral apresentam temáticas sociais, trazendo discursos de luta contra o preconceito racial e contra o machismo (REVOLUÇÃO RAP, 2016). Deste modo, é possível perceber uma ebulição criativa que nasce na periferia das grandes cidades, com forte e significativa presença feminina. Aqui, vale lembrar a observação de Hall (2001):

Dentro da cultura, as margens, embora continuem periféricas, nunca foram um espaço tão produtivo como o são hoje, o que não se dá simplesmente pela abertura dentro da dominante dos espaços que podem ser ocupados pelos de fora. É também o resultado de políticas culturais da diferença, de lutas em torno da diferença, da produção de novas identidades e do aparecimento de novos sujeitos na cena política e cultural. Isso é válido não somente com relação à raça, mas também diz respeito a outras etnicidades marginalizadas, assim como em torno do feminismo e das políticas sexuais no movimento de gays e lésbicas, que é resultado de um novo tipo de políticas culturais (HALL, 2001, p.150).

Meller (2015) parte da obra teórica de Affonso Romano de Sant'Anna e Luiz Tatit para afirmar que “objetivos estéticos e políticos caminharam lado a lado tanto nas escolas literárias quanto na música brasileira” (p.46). Tatit (2007), por sua vez, complementa:

Os cancionistas - peritos na técnica de integrar melodia e letra - não se atêm a um pensamento propriamente musical. Sua habilidade, como já propusemos em trabalhos anteriores, está em converter os discursos orais, cuja sonoridade é por natureza instável, em canções estabilizadas do ponto de vista melódico e linguístico, de modo que o próprio autor e seus intérpretes-cantores possam reproduzi-las conservando a mesma integridade” (TATIT, 2007, p.157).

Esta afirmação pode muito bem ser aplicada ao trabalho das rappers na urbanidade brasileira: vivendo num contexto de tensões sociais, e sujeitas a (o)pressões machistas em diversas circunstâncias do dia-a-dia, elas tomam para si a missão de firmar, junto à sua comunidade, um discurso de empoderamento feminino - um discurso que é estabilizado e tem seu alcance ampliado pelas batidas do rap.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise efetuada mostra que o discurso feminino no rap atua em contraposição ao discurso machista presente em letras de música popular difundidas nas diversas mídias. Por sua vez, a presença deste rap feminino em eventos comunitários realizados em bairros periféricos de cidades como São José dos Campos vem mostrando potencial no que se refere à expressão do discurso feminista pela via da comunicação popular e alternativa. Ainda que distante das grandes mídias (inclusive por opção dos rappers, muitas vezes), essa manifestação do discurso feminino vai progressivamente ganhando espaço não apenas nas ruas, como também na internet, via *YouTube* e compartilhamentos sucessivos nas redes sociais.

## **REFERÊNCIAS**

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos Todos Feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

BARROS, Miguel Pereira. **Relações de Gênero da Literatura de Cordel**. Curitiba: Appris, 2015.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HALL, Stuart. **Que “negro” é esse na cultura popular negra?** Lugar Comum n.13/14, p.147-159, 2001. Disponível em: <[http://uninomade.net/wp-content/files\\_mf/112410120245Que%20negro%20C3%A9%20na%20cultura%20popular%20negra%20-%20Stuart%20hall.pdf](http://uninomade.net/wp-content/files_mf/112410120245Que%20negro%20C3%A9%20na%20cultura%20popular%20negra%20-%20Stuart%20hall.pdf)>. Acesso em 29/nov/2016.

HEBREU, Anderson. **Sete mulheres do rap brasileiro que você precisa conhecer**. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/7-mulheres-do-rap-brasileiro-que-voce-precisa-conhecer/>>. Acesso em 03/dez/2016.

MANDRAKE. **Sharylaine, a pioneira do rap nacional, lança videoclipe**. Disponível em: <<http://www.rapnacional.com.br/sharylaine-a-pioneira-do-rap-nacional-lanca-videoclipe/>>. Acesso em 03/dez/2016.

Realizam

**PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016**

---

MELLER, Lauro. **Poetas ou Cancionistas?** Curitiba: Appris, 2015.

POLIFONIA PERIFÉRICA. **Sharylaine - Rap de valorização e fortalecimento da mulher.** Disponível em: <<http://www.polifoniaperiferica.com.br/2014/03/sharylaine-rap-de-valorizacao-e-fortalecimento-da-mulher/>>. Acesso em 05/dez/2016.

REVOLUÇÃO RAP. **A frente nacional de mulheres no hip-hop.** Disponível em: <<http://revolucaorap.com/a-frente-nacional-de-mulheres-no-hip-hop/>>. Acesso em 04/dez/2016.

SILVA, Wilma Regina Alves da. **Tribos Urbanas, Você e Eu:** conversas com a juventude. 2. Ed. São Paulo: Paulinas, 2009 (Coleção espaço jovem).

TATIT, Luiz. **Todos Entoam.** São Paulo: Publifolha, 2007.